

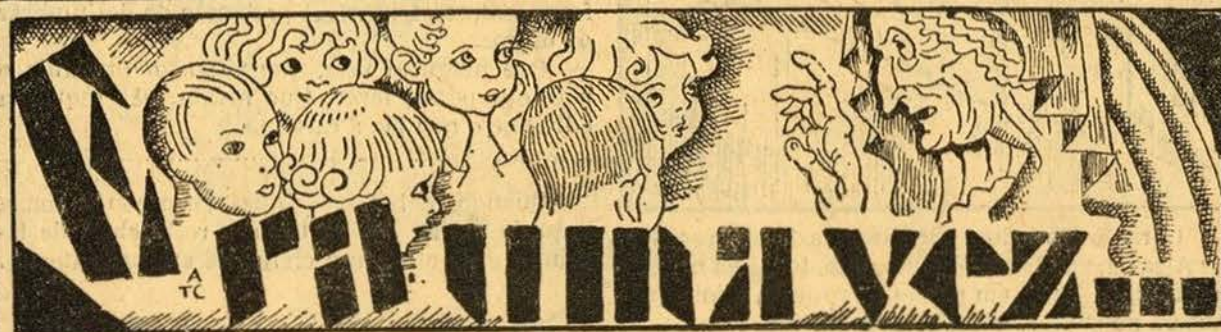


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
RITA



OSTENTAÇÃO

■ POR GRACIETTE BRANCO ■
Desenhos de A. CASTANÉ ■

A DELIA, menina rica e bonita, amada por todos, coração acolhedor a desgraças, tinha, contudo, um enorme defeito: gostava que as suas esmolas tivessem espectadores, que as suas dádivas fôsem apreciadas pela vizinhança. E, defeito maior ainda: comprazia-se em se mostrar esmolar, ante o olharzinho triste de Madalena, menina pobre que morava em frente, e a quem não sobejava o pão nem o dinheiro para repartir com os pobres.

Madalena tinha sempre na boca o «tenha paciência» consolador e suave, única esmola que o seu coração podia dar, ao passo que Adélia, vinha, correndo, á porta da rua, com uma arregaçada de pão e algumas moedas, o olhar brilhante, espreitando, ás furtadelas, alvoroçadamente, Madalena, que, na sua infinita bondade e doçura, exultava com o procedimento da vizinha rica, sem sentir o seu feio sentimento de tola vaidade.

Para Madalena não tinham, os pobres, palavras tão cariciosas como para Adélia, porque a pobrezinha nada podia dar-lhes, dando-lhes, contudo, parte da sua alma, — parcela que não entrava nas dádivas de Adélia.

Assim que soava a campainha e a criada vinha dizer que eram pobres, pedindo, logo Adélia corria, rapidamente, á porta, para ser ela própria a desempenhar-se de tão simpática missão.





Coração tão belo e generoso trazia alvoroçada, de Alegria, sua boa mãezinha, que, todas as noites, agradecia a Deus, em preces fervorosas, a joia que puzera no peito da sua filhinha querida.

Numa tarde, porém, em que Adélia, na forma do costume, correu á porta para distribuir as esmolas pelos pobres, sua mãe, sorridente e feliz, seguiu-a, pé ante pé, para gosar, de perto, a encantadora cena que a enchia de orgulho e alegria.

Adélia distribuía as esmolas mas, o seu olhar, inquieto, não acompanhava o generoso gesto, fixando-se, alvoroçadamente, na janela fronteira, sem, sequer, atender as palavras de gratidão dos pobres.

E, fechando a porta, tristemente, acrescentou, com um sulco de desalento na fronte:

— « Ora ! Que maçada ! hoje ninguém viu ! Nem a Madalena estava á janela, nem nada ! Ora isto !... Não valia a pena ! »

O coração da sua boa mãezinha desfez-se em lágrimas. Viu, transformar-se em chumbo, a linda e fulgurante joia que julgara existir no coração da filha. Todo o sonho de orgulho pela imensa bondade que sonhara, amorosamente, ter criado no seio, se desfez, num momento, transformando-se em tormentosa dúvida !

E quando, quasi noite, a chamou ao seu quarto, tinha, no olhar, tamanho, rastro de lágrimas, que Adélia, anciosamente, perguntou-lhe o que tinha.

— « O que tenho, minha filha ? Um sonho a menos ! Pensei que o teu coração era um cofre de bondade e que, nas esmolas que, diariamente distribuías, havia, apenas, o reflexo duma alma eleita e nunca a intenção criminosa da vaidade.

Pensei que davas as tuas esmolas com os olhos em Deus e, afinal, os teus olhos apenas procuravam outros olhos que vissem a tua acção, que comentassem o teu acto, que te chamassem boa.

Foste má, Adélia ! Foste muito má ! Queres humilhar a pobre Madalena, coitadinha, sem pensares que ela é, mil vezes, mais nobre do que tu ! Tem, no coração, a esmola da piedade e tu, se fosses pobre, nada terias, Adélia !

Emenda-te, minha filha ! Continua dando as tuas esmolas mas de maneira diferente. Quero que as dês, sentindo o inefável prazer de matar a fome e nunca a horrível pretensão de deslumbrar os outros.

Que ninguém veja, que ninguém pressinta o bem que possas fazer. Que nem a mão esquerda adivinhe o que faz a direita. »

Quando, a boa mãezinha, terminou a longa lição de moral, Adélia tinha o rosto cheio de lágrimas e no olhar um clarão de arrependimento.

■ F I M ■



CORRESPONDENCIA



Antonio da Silva Pimenta — Em resposta á tua carta, cumpre-me dizer-te que basta enviarest o conto a que te referes, com o teu nome e a idade que tens. Nada mais. Já vês que é muito simples.

Le Buvard — Acusamos a recepção dos versos para o Concurso.

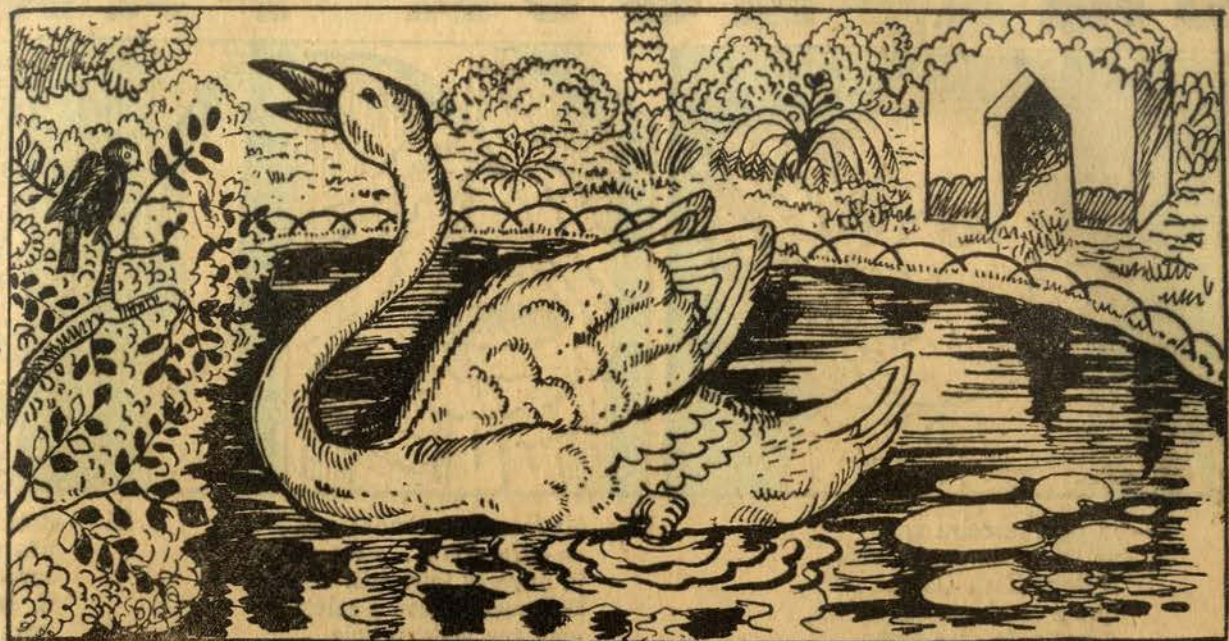
Irene S. P. — Sim. Podes concorrer com quantas produções quizeres e aos dois Concursos ao mesmo tempo.

Aluno 5651 — Recebemos os versos. Vem tudo nas condições.

Celeste R. V. — Acusamos a recepção do conto.

Alvaro P. F. da Cunha — Idem.

Alvarca F. M. — Recebemos a poesia destinada ao Concurso.



O ROUXINOL e o CISNE

Por AUGUSTO de SANTA-RITA

Alvejado por certo caçador,
e a escorrer sangue, um rouxinol chorava
na densa copa duma acácia em flor,
sôbre um lago onde um cisne agonisava.

Apesar de ferido, o rouxinol
consequira fugir e ali pousar !...
No rubro poente, em seu declínio, o Sol
dir-se-ia, também f'rido, a agonisar.

Porém, dos três, o único covarde,
ante a visão da Morte, era a avezinha,
que, a pipilar, num angustioso alarde,
enchia de seus ais o ar da noitinha !

Vendo-a tão sucumbida, o cisne heroico,
cobrando alento, agonisante embora,
brada, súbitamente, altivo e estoico,
ao rouxinol que sôbre a acácia chora:

— « Porque choras assim, ó rouxinol,
cobardemente, ante a visão da Morte ?!...
Eu vou, também, morrer, e morre o Sol
sem soltarmos um ai, vê bem ! Sê forte !

Quem a cantar levou a Vida toda,
deve, como um herói, saber morrer !
Vê !... Morre o Sol mas, dando ao mundo a roda,
em radiosa manhã, torna a nascer !

Há-de murchar, também, o ramo verde,
em que pousaste, ó alma sucumbida !
Morrer é reviver, nada se perde,
a própria morte é uma função da Vida !

Eu que jámais cantei, neste momento
em que sinto chegado o último instante,
irei soltar, com alma e sentimento,
um canto à Vida, um hino triunfante !

E, assim falando, o Cisne moribundo,
começou a cantar, gloriosamente,
canto em que dava o seu adeus ao mundo,
tal como o Sol a imergir no Poente.

Vexado, o Rouxinol, ante esta prova
de altivez e estoicismo, então clamou:
— « Ah, sim ! Na Vida tudo se renova !... »
E, para sempre, aos altos céus voou !...

Meninos: — neste exemplo encontrareis
uma bela lição de heroicidade.
À par das leis do mundo, há outras leis
dum Código chamado: — *Eternidade* !

UMA NOVA PARTIDA DO TONECA



I — Já pela terceira vez, ao toque da campainha, a Dona Zeca Garcês, que é residente em Belém, à porta da casa vinha, sem conseguir ver ninguém.

II — Altamente arreliada: — «Ora esta!...» ela dizia, já deveras intrigada. Mas, mal voltava à saleta, uma vez mais, retinia o badalo da sineta.

III — «Isto é obra do demónio!...» não vendo ninguém, dizia, invocando Santo António. E, de novo, na saleta, novamente retinia o badalo da sineta.

IV — Torna a vir; abre o ferrolho, sem ver ninguém outra vez; a não ser certo pimpolho com um cachorro alemão, que nem em bicos dos pés, chegariam ao cordão.

V — Mas mal sabe ela, entretanto, que o demónio era o Toneca que não tem nada de santo, e que inventara o processo de arreliar D. Zeca, por ser deveras travêso.

ERA uma vez uma menina encantadora que tinha apenas três anos de idade mas era muito máisinha, apesar de muito linda. Chamava-se Maria Clotilde.

Imaginat, leitores amigos, sôbre um corpinho elegante e bem proporcionado, uma cabecinha de anjo. Cabelos louros com uma leve ondulação, mas que sua máisinha, com muito amor e paciência, penteava, conseguindo dar-lhe a forma de lindos caracóis. Uma bôca pequenina e bem desenhada, lábios finos e carmesins que, ao entreabriarem-se, deixavam ver uma fileira de alvos e certíssimos dentes, tal um colar de pérolas pre-



DESOBEDIENCIA CASTIGADA

POR BERTA SOBRAL

DESENHOS DE A. CASTAÑE

À NICOTY

ciosas. Esta bôca encantadora, num rosto redondo, com umas bochechinhas rosadas, uma côr de tez como as pétalas das rosas e uns negros e grandes olhos protegidos por longas e retorcidas pestanas, com um narizinho um pouco arrebicado, (um quási nada), formavam um conjunto maravilhoso de graça, inteligência e beleza.

Esta menina tinha um grande defeito: era de desobedecer a sua mãe e de mexer nas gavetas! Sim, nas gavetas! Não vos admireis!

Era muito mau gosto, concordo, pois que sua mãe passava um verdadeiro martírio.

Ora um dia um amigo do pai que chegara do Brasil, ofereceu-lhe uma linda avezinha que fez as delícias dos seus recreios. Ela nunca tinha visto uma ave tão bela, de cores tão brilhantes e que falava... falava com ela.

Chamou-se, de ora em diante, Esperança. Esperança da mãe de ver a filha corrigida. Durante os primeiros dias, a bôca menina parecia ter perdido o costume de mexer nas gavetas. A mãe estava tão contente

que prometia uma recompensa a sua filhinha: — a de comprar-lhe, para o próximo dia de seus anos, uma linda boneca.

Na véspera desse dia de festa, a Maria Clotilde teve uma tentação. Esqueceu tudo, as suas promessas, os rogos da mãe, a linda avezinha e, correndo para uma cômoda, começou a tão antipática tarefa de desarrumar

o que a sua mãe com muito trabalho tinha posto em ordem.

A Esperança, sua companheira de jogos, estranhando não a ver, procurou-a e, vendo a gaveta aberta, voou para dentro dela. A menina, ao ouvir aquele barulho, julgou ser a mãe e, precipitadamente, fechou a gaveta para

fugir ao castigo se fôsse apanhada em flagrante delito de desobediência.

O castigo, porém, não foi pequeno!

A avezinha, quando sentiu a gaveta fechar-se, quis sair e ficou entalada, pois não teve tempo de fugir, tal foi a precipitação de Maria.

Aos gritos que ela soltava, quando deu por tão

grande desastre, ocorreu logo, assustada, a mãe que, ao saber da triste morte que tivera a linda Esperança, deixou correr algumas lágrimas de compaixão.

Foi comovidíssima que ela disse a sua filha que aquele era o castigo da sua desobediência!

A Maria Clotilde prometeu emendar-se e a mãe, para a consolar daquela perda, ofereceu-lhe a bela boneca que já tinha comprado.

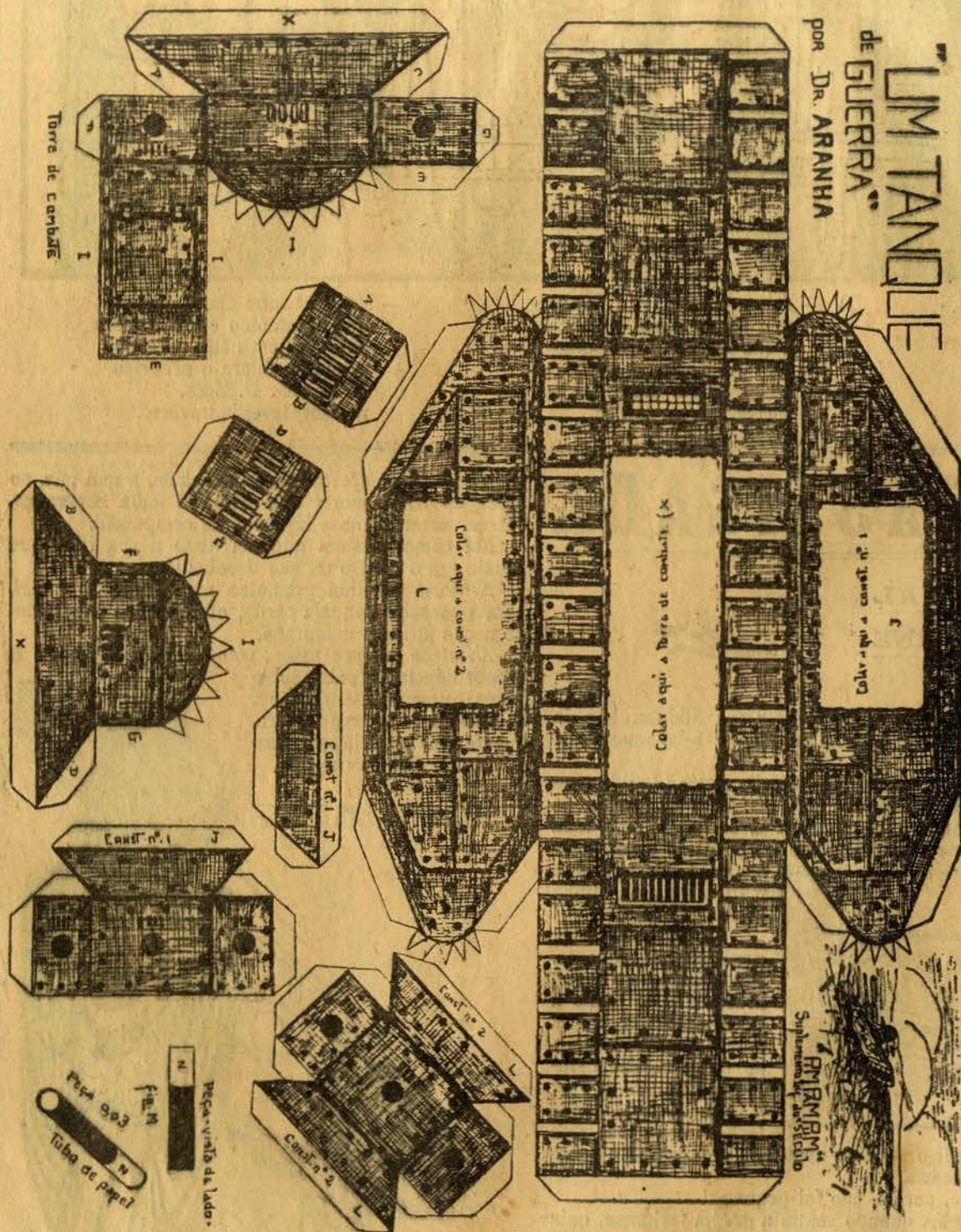
Acontece sempre assim, meus bons amiguinhos. A desobediência aos pais e superiores, é sempre castigada e a obediência recompensada, quanto mais não seja pela consciência do dever cumprido.

== FIM ==



CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

"UM TANDQUE"
de GUERRA
por DR. ARANHA



Colar em cartolina, recortar, dobrar e construir, colorindo com um tom azulado

CONCURSOS MENSAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

PARA COLORIR

ATENÇÃO

O «Pim-Pam-Pum» tem o prazer de participar, aos seus pequeninos e grandes leitores, que até ao fim de cada mês, se encontram abertos sucessivos CONCURSOS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS, segundo a seguinte ordem:

- 1.º CONCURSO: — UMA POESIA INFANTIL
- 2.º " " " " UM CONTO INFANTIL

Os concorrentes de idade inferior a 14 anos, enviarão os seus trabalhos com a designação de *Concurso 1.º ou 2.º* e em letra bem legível a *Série A* que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de 14 a 18 anos de idade, enviarão os seus trabalhos com designação de *Concurso 1.º ou 2.º* e em letra bem legível a *Série B* que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 18 anos—(qualquer que ela seja)—enviarão os seus trabalhos com a designação de *Concurso 1.º ou 2.º* e em letra bem legível a *Série C*, só que ficam designados.

Cada produção deverá ser enviada à redacção do *Pim-Pam-Pum*, Rua do Seculo, 48, acompanhada dum envelope lacrado, mencionando exteriormente o título da produção, designação de *Concurso 1.º ou 2.º* e *Série A, B ou C*, conforme o disposto nas condições estabelecidas e contendo interiormente o nome, morada e idade do concorrente.

O «Pim-Pam-Pum» publicará, durante o mês imediato ao concurso, todas as produções que obtiverem os primeiros prémios, acompanhadas dos retratos dos seus autores ou autoras e bem assim todas aquelas que o «Pim-Pam-Pum» entenda merecer publicação. Está, já aberto o

Primeiro Concurso Mensal de Poesias e Contos Infantis

cujo prazo, para entrega de originals, termina no próximo dia 30 de Abril. No dia 6 de Maio será dado o resultado do concurso e no dia 13 publicadas as produções que tiverem obtido os seis primeiros prémios das Séries A, B e C.

LISTA DOS PRÉMIOS

1.º CONCURSO

2.º CONCURSO

Uma poesia Infantil

Um Conto Infantil

Ao primeiro classificado da

Ao primeiro classificado da

SÉRIE A

SÉRIE A

UM LINDO BRINQUEDO

UM LINDO BRINQUEDO

e
UM BELO LIVRO DE HISTORIAS
lindamente ilustrado

e
UM BELO LIVRO DE HISTORIAS
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

Ao primeiro classificado da

SÉRIE B

SÉRIE B

UMA DELICIOSA CAIXA DE
BOMBONS

UMA DELICIOSA CAIXA DE
BOMBONS

e
UM EXEMPLAR DO LIVRO: —
CEU ABERTO
de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

e
UM EXEMPLAR DO LIVRO: —
CEU ABERTO
de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

Ao primeiro classificado da

Ao primeiro classificado da

SÉRIE C

SÉRIE C

UMA COLECCÃO DE PERFUMES
da célebre marca Nally

UMA COLECCÃO DE PERFUMES
da célebre marca Nally

e
UM EXEMPLAR DO LIVRO: —
EM PLENO AZUL
de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

e
UM EXEMPLAR DO LIVRO: —
EM PLENO AZUL
de D. Virginia de Castro e Almeida
lindamente ilustrado

Os dois lindos brinquedos que constituem os prémios da Série A, são gentilmente oferecidos pelo BAZAR ITALIANO, da Rua Augusta, 228-232 uma das casas mais bem fornecidas no seu género. Os livros são oferta da conceituada LIVRARIA CLASSICA EDITORA, da Praça dos Restauradores, 7. As duas ricas colecções de perfumes Nally da afamada FABRICA NALLY cujos produtos rivalisam com o que de melhor se fabrica no estrangeiro e as deliciosas caixas de bombons da acreditada casa Nestlé — R. Ivens, 11-13, Lisboa.



Uma idéia engenhosa



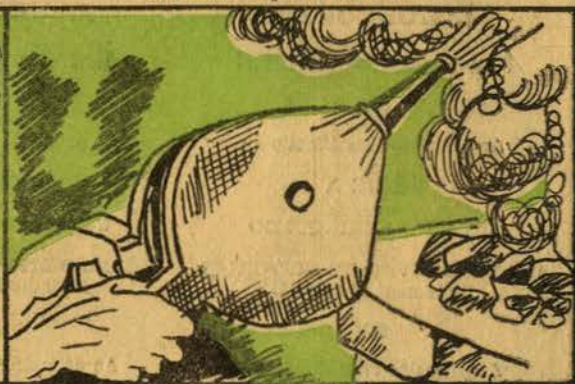
I — Numa aldeia portuguesa onde inda não existia nenhuma electrica empresa, o «Quim-Quim» adormecia e deixava a vela acesa;



II — Ora a mamã do «Quim-Quim», sempre a recear um fogo, pensava nisto e, por fim, ia ao quarto dele e, logo, soprava-a quasi no fim.



III — Prevendo que ela, algum dia, não fôsse por estar doente, de manhã, reprendia o filho, severamente; mas nunca se corrigia.



IV — Entanto, uma idéa abraça o seu grande amor de Mãe: — ir buscar o fole da casa, com que ela ateava a brasa dum fogão que em casa tem.



V — E depõe no sôb a fronha da almofadinha arrendada, onde o seu filhinho sonha, mal adormeça, mal ponha a cabeça na almofada.



VI — Com esta idéa tão bela, e desta forma tão prática, ao sôpro do fole, a vela, duma maneira automática, apagava-se por ela!